

# Setor de café discute formas de reduzir emissão de carbono

Segundo professor da Esalq, cafeicultura tem condições de reduzir impacto ambiental das atividades de manejo

ANDERSON FIRMINO  
DA REFEIÇÃO

A questão da emissão de carbono pelo setor cafeeiro é um desafio que ganhou prioridade nas discussões sobre sustentabilidade no setor. Não foi diferente ontem, no último dia do 23º Seminário Internacional de Café, organizado pela Associação Comercial de Santos (ACS) e realizado no Sofitel Guarujá. Jequitimar.

O gás carbônico retém calor nas camadas mais baixas da atmosfera, desequilibrando o clima e aumentando as médias da temperatura. Para especialistas ligados à sustentabilidade, o momento é de conscientização e busca pelo equilíbrio na balança entre captura e emissão.

"O carbono é a 'moeda da hora' da atualidade. Ele é o quarto elemento mais abundante na Terra. Está na planta, no solo, na água, na atmosfera, em nós. Ele não tinha uma visão como indicador de processos que vão desde a agricultura, passando pelos transportes e indo até a indústria, mas ganhou uma notoriedade. Grande parte dessa dinâmica do carbono se dá no meio agrícola, no campo", diz o professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP) Carlos Eduardo Pellegrino Cerri.

Para ele, as técnicas para quantificação de carbono



FOTO: ALESSANDRE PEREIRA

Cerri fala no Seminário da ACS: técnicas para quantificação de carbono são criteriosas, onerosas e demandam tempo e pessoal especializado

são extremamente criteriosas, onerosas e também demandam tempo e pessoal especializado. "Esses processos são condicionados por solos diferentes, climas diferentes e culturas diferentes. Há uma grande variedade de café e de práticas de manejo. Isso tudo impacta nesse carbono".

Cerri diz que a cafeicultura é uma atividade que emi-

te carbono, mas que pode recapturá-lo, com um resultado benéfico. "É algo que melhora o ambiente sob o ponto de vista de carbono".

De acordo com o professor, a indústria ligada ao café está entendendo esse processo. "A indústria, seja qual for, ela é só emissora. Não tem como retirar. Então, tem que se associar, cada vez mais, com a cadeia

com o elo de produção, que ali que é possível a remoção", comenta ele.

Para a coordenadora de Projetos de Clima e Emissões do Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflo), Renata Fragozo Potenza, é importante monitorar os resultados do carbono das fazendas, mas não apenas isso. "Também devemos

abrir o escopo para a cadeia do café e isso também é importante para ir agregando atores e players desse processo como um todo", complementa.

#### O EVENTO

O seminário, que durou dois dias, contou com a participação de mais de 500 profissionais de 21 países, que acompanharam deba-



Para o presidente da Associação Comercial de Santos (ACS), Mauro Sammarco (foto), o saldo do 23º Seminário Internacional de Café é bastante positivo. "Tivemos discussões importantes sobre sustentabilidade.

Deixou de ser apenas uma exigência de mercado e passou a ser uma questão de consciência. O produtor e os traders estão inseridos nessa discussão. A cadeia do café contribui para o meio ambiente. Os debates foram bons, o mercado se encontrou e vários negócios saíram. Foi um sucesso", resume.

Ele também ressalta a importância da realização do evento na forma presencial.

"É muito simbólico pelo momento que a associação vive, pelo trabalho que a gente vem fazendo. A entidade merece isso". Além do atual presidente, o evento em Guarujá também contou com a participação dos ex-presidentes da ACS, Roberto Clemente Santini e Michael Timm.

tes de assuntos ligado à cafeicultura, como tecnologia, inovação, sustentabilidade e logística.